



O GRAFFITI E A PAISAGEM DA CIDADE: arte, política e cultura em Campos dos Goytacazes

Autores:

Elis de Araújo Miranda - UFF - elismiranda10@gmail.com

ARTHUR NOGUEIRA RANGEL - Prefeitura Municipal de Campos - arthur_nr2@yahoo.com.br

Resumo:

O presente trabalho apresenta a análise da paisagem urbana da cidade de Campos dos Goytacazes produzidas por grafiteiros. O graffiti é entendido enquanto uma arte libertária que difunde culturas, ideias político-ideológicas e poéticas. Este estudo busca compreender como se dá a criação de uma nova paisagem urbana, onde o sentido da representação é descrito sob a ótica dos artistas a partir de suas marcas na paisagem e os grafiteiros são os sujeitos das ações, que criam novos significados para a paisagem. O estudo ampara-se no método fenomenológico, que se constitui a base da formação da escola denominada Geografia Humanista que tem em Eric Dardel (1954), Yi-Fu Tuan (1983) e Edward Relph (1976) os seus principais expoentes. Esses autores debruçam-se sobre o entendimento das experiências vivenciadas pelos sujeitos nos lugares a partir da apropriação concreta ou simbólica do espaço, das relações de identidade cultural e/ou de movimentos artísticos. A mediação e a compreensão dos fenômenos, tais como: ansiedade, conduta, sociabilidade, topofilia ou topofobia, só ocorreriam por meio de ações e vivências realizadas em grupo em um dado espaço-tempo.



O GRAFFITI E A PAISAGEM DA CIDADE: arte, política e cultura em Campos dos Goytacazes¹

Introdução

As expressões urbanas, ações e representações culturais elaboradas por sujeitos inseridos em grupos, buscam difundir ideias e estabelecer diálogos entre o artista e demais sujeitos na/da cidade. Assim, o presente trabalho tem como foco a análise do graffiti, compreendido a partir da presença dessas pinturas na paisagem urbana da cidade de Campos dos Goytacazes – RJ, apontado como um movimento de resistência e representação simbólica de um grupo subalternizado a partir das suas grafias e desenhos expressos na paisagem urbana.

Dentre as artes urbanas que com o uso de tinta, destaca-se o graffiti como a expressão urbana que possui maior representatividade na cidade de Campos dos Goytacazes, paralelamente com o movimento da pichação que teve um significativo avanço nos últimos cinco anos, logo após o projeto de expansão de vagas no ensino de nível superior da Universidade Federal Fluminense e do Instituto Federal Fluminense. Este trabalho busca analisar as ideias difundidas a partir dos graffitis impressos na paisagem urbana de Campos dos Goytacazes. De forma mais específica, o trabalho busca identificar os graffitis na paisagem na atualidade, relacionando-os aos grafiteiros que os produziram, assim como averiguar as formas de atuação dos grafiteiros na produção dos graffitis: festival, rolês e/ou mutirões, e os lugares da cidade onde essas representações encontram-se impressas.

O estudo ampara-se no método fenomenológico, que se constitui a base da formação da escola denominada Geografia Humanista. Esta escola de pensamento tem em Eric Dardel (1954), Yi-Fu Tuan (1983) e Edward Relph (1976) os seus principais expoentes. A geografia humanista debruça-se sobre as experiências vivenciadas pelos sujeitos nos lugares, onde as experiências socializadas entre os sujeitos e a apropriação concreta ou simbólica do espaço se dá partir de relações de identidade cultural e/ou de movimentos artísticos. A mediação e a compreensão dos fenômenos, tais como: ansiedade, conduta, sociabilidade, topofilia ou topofobia, só ocorreriam por meio de suas vivências a

¹ Esta pesquisa contou com o financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES (2017-2018) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ (2017-2018).



partir de ações realizadas em grupo em um dado espaço-tempo, pois o mundo se retrataria como um espaço vivido, a partir do qual o indivíduo, habitante de um mundo físico e social, por meio de suas ações, atuaria diretamente sobre os significados e as intencionalidades, construindo dessa forma suas experiências com o lugar (ROCHA, 2007, p. 23).

A produção da paisagem marca as referências de um grupo em um dado lugar. A partir das referências simbólicas impressas na paisagem, criada no contexto de movimento artístico demonstram as formas com que os sujeitos podem se expressar para sociedade, que a produção do espaço se faz também por meio das relações de afeto, identidade, sociabilidade e não apenas por meio da dominação, do controle, da imposição de limites e fronteiras e da violência, como fazem os grupos que buscam delimitar o uso do espaço com uso de armas, normatizações ou controles de circulação que expressam o controle do território a partir de relações de poder.

Para a elaboração deste trabalho, seguimos as seguintes etapas: a) primeiro foi realizada uma pesquisa teórico-conceitual sobre a arte do graffiti enquanto um fenômeno urbano; b) um segundo momento, foram realizadas entrevistas com grafiteiros atuantes na cidade de Campos dos Goytacazes, buscando a compreensão da formação do lugar e do próprio movimento do graffiti a partir de suas visões e c) por fim, foi realizado um trabalho de campo, assim como o acompanhamento dos eventos culturais ligados ao graffiti, realizados na referida cidade, buscando realizar registros fotográficos de suas artes e também, participar de suas dinâmicas culturais e artísticas para fins de compreender as diferentes dinâmicas que envolvem a produção do graffiti a partir de rolês, de festivais ou de multirões.

O graffiti enquanto arte efêmera, realizado por um grupo subalterno que vive às margens da sociedade, está a todo momento buscando dar voz aos seus ideais, a partir de suas grafias urbanas, numa tentativa de autoafirmação de sua existência. Deste modo, o presente trabalho evidencia em seus resultados, as dinâmicas existentes nas ações dos grafiteiros em Campos dos Goytacazes.

1 – O graffiti no contexto da arte urbana

O termo graffiti aqui utilizado está em ressonância com os grupos de artistas de rua que usam esta grafia para designar seus trabalhos. Desse modo, graffiti é definido por Stahl (2009):

“O termo graffiti é uma reminiscência do vocábulo italiano Sgraffire. Assim, o sgraffire é uma técnica de decoração de fachadas, segundo a



qual se sobrepõem várias camadas de estuque; antes deste secar, o artista faz incisões em forma de linhas e levanta grande zonas da camada superior” (STAHL, 2009, p. 9).

A segunda definição de graffiti, apresentada por Gitahy (1999, p. 13), onde “graffiti vem do italiano inscrição ou desenho de épocas antigas, [...] riscados a ponta ou a carvão, em rochas, paredes e etc.”. Numa espécie de síntese das duas definições apresentadas, Nicholas Ganz define o termo graffiti como uma derivação da palavra italiana sgraffito, que significa rabisco ou ranhura e que segundo ele existe desde os primórdios da humanidade (GANZ, 2010, p. 8).

O que nos interessa não é a definição da técnica, mas o graffiti enquanto ação coordenada, elaborada por sujeitos organizados em grupos que buscam imprimir uma marca no espaço como um ato político por meio de uma produção artística. Assim, entendemos o graffiti como técnica, movimento cultural-identitário e como movimento artístico disseminado mundialmente. Não há, no mundo, uma paisagem metropolitana sem graffitis ou pichações.

1.1 Graffiti: um movimento artístico-político-cultural

As escritas urbanas ao longo do tempo vêm compondo formas de resistências perante a sociedade, impondo-se a auto existência do movimento juvenil, que por sua vez pode impor a um determinado lugar uma representatividade de poder, dominação ou reflexão de um único indivíduo ou de uma coletividade. Apesar do graffiti e da pichação possuírem, a princípio, objetivações distintas de dominação e transgressões, estas estão pautadas sobre a mesma base ideológica, que é a escrita urbana que busca difundir ideais políticos, sociais, étnicos e culturais, pois o graffiti e a pichação se caracterizam por possuírem enraizadas em seus movimentos, a essência do caráter comunicativo (LOPES, 2011, p. 34).

Essa essência na qual o graffiti se originou tal qual é praticado até os dias de hoje, é apontado numa espécie de consenso entre os estudiosos e os próprios praticantes da arte, como um movimento que surgiu nos Estados Unidos da América (EUA), entre os anos de 1960 e 1970, sobretudo nos bairros periféricos da cidade de Nova Iorque.

Durante os anos de 1960, a cidade de Nova Iorque vivenciava uma profunda crise em seus setores econômicos e produtivos. Imigrantes que trabalhavam nas indústrias sofreram repressões e discriminações raciais. Em uma tentativa de “limpeza social” da área central, os imigrantes de origem



latino-americana e/ou africana, em especial os imigrantes haitianos e porto-riquenhos, foram removidos para as áreas mais periféricas da cidade, onde era desprovida de qualquer assistência de política social, com acesso por meio de trens.

Martin Luther king e Malcom X apresentaram as lideranças políticas em defesa dos direitos dos imigrantes, pois esse movimento contrariava os ideais políticos e ideológicos das elites brancas (TARTAGLIA, 2010, p. 37).

Outra importante configuração organizacional que lutava pelos direitos civis dos imigrantes, foi a criação de um grupo partidário intitulado de “Partido dos Panteras Negras”, onde buscavam institucionalizar a busca pela luta dos direitos políticos civis e econômicos. Por sua vez, toda disputa e conquista adquirida nos anos 60, foram de certa forma deturbados, principalmente pela incompatibilidade dos grupos étnicos e culturais residentes nos guetos de Nova Iorque nos anos 1970, pois ao invés de ocorrer uma união em prol dos direitos coletivos, ocorreram conflitos culturais nos guetos novaiorquinos.

Se por um lado a diferença de etnias nos guetos novaiorquinos causavam conflitos, por outro, essa mesma diversidade deu origem ao movimento Hip-hop, que teve como proposta reduzir os embates entre as gangs residentes nessa região, sobretudo nos bairros do Bronx e do Brooklyn. Dessa forma, Herschmann (2005), salienta que:

O hip-hop emergiu nos anos 70 nos Estados Unidos, como um forte referencial que permitiu a conformação de identidades alternativas e da consagração para os jovens, em bairros cujas antigas instituições locais de apoio foram destruídas. As identidades alternativas locais foram sendo forjadas a partir de modas e linguagens que vinham das ruas, dos guetos e de grupos e turmas de bairro. Nos Estados Unidos, muitos artistas, dançarinos e fãs do hip-hop continuam a pertencer a um sistema elaborado de grupos. (HERSCHMANN, 2005, p. 186).

Na conjuntura da emergência do movimento hip-hop, as gangs deixaram de batalhar fisicamente uns contra os outros, e passaram a disputar espaços a partir de batalhas de rimas (rap), das danças robotizadas e estilizadas que acompanhavam sincronicamente as batidas das músicas (break), do graffiti (artes plásticas) e tendo o basquete e o skate como práticas esportivas e de exibição de habilidades e movimentos de corpos. Assim, o hip-hop surgiu como um movimento de delimitação territorial dos distintos grupos periféricos e por fim de torna um movimento cultural de produção de um lugar de práticas artísticas-culturais e esportivas, integrando os grupos periféricos. Assim, o graffiti, integrado ao movimento hip-hop se torna uma expressão dissipadora de valores



e identidades, reconhecendo a identificação e afeição do grupo com o lugar (TUAN, 1983, p. 152).

Desse modo, o graffiti emerge como uma cultura juvenil de grupos excluídos, que assim como hoje, buscam dar voz aos agentes marginalizados e subalternizados pelo sistema em sua base conservadora. Assim, em relação ao movimento juvenil, como uma forma de reduzir as batalhas ou conflitos nos guetos, Arce (1999), destaca:

Essa nova dimensão das batalhas urbanas teve uma importante participação na atenuação dos níveis de violência entre esses setores jovens, à medida que as rivalidades são canalizadas para o terreno simbólico, o que é um dos aspectos pouco avaliados e submetidos à reflexão. Desse modo, o fenômeno do grafite diluiu, em alguns casos, a força das identidades cotidianas fortemente ancoradas na defesa dos limites do bairro, como sucedeu com o cholismo, pois eles vivem na cidade de uma maneira mais amplas. (ARCE, 1999, p. 130).

Desde então, a partir dos anos 70 o graffiti que cada vez mais vinha ganhando espaço como uma cultura juvenil de massa, sofreu tentativas de “desmarginalização” ao ter sua expressão especulada a incorporação do conceito artístico da época e conseqüentemente com as galerias, o que marcaria como o fenômeno de tentativa de libertação de sua forma original (STAHL, 2009, p. 9).

Galerias de artes, museus e colecionadores de artes tentaram atribuir valor às obras produzidas nas ruas; produzindo exposições de graffitis em formato de quadros ou em paredes de galerias, atribuindo aos desenhos pintados em telas como arte e relacionando os muros das cidades às galerias². Esse processo de musealização e de galerização do graffiti foi bastante criticado pelos artistas de ruas, pois segundo eles, o processo de musealização, priva os objetos de suas funções originais e os revestem de novos significados, destituindo os sujeitos de suas ações políticas e as obras de seus valores simbólicos e atribuindo-lhes valores de mercado.

Em seu meio cultural original e subversivo, o graffiti se enquadra no contexto da street art por ser um ato artístico-político-cultural e não um simples objeto a ser consumido, pois ele está dentro de um contexto público no qual os trabalhos são realizados por indivíduos inseridos em contextos sócio-espaciais específicos, para a sociedade com o uso de técnicas artísticas e trazem referências de outros artistas de outros lugares e temporalidades. Na rua, o

² Ver as obras de Jean-Michel Basquiat (1960-1988) é considerado um dos artistas mais importantes da segunda metade do século XX. Segundo o texto impresso na exposição deste artista na mostra do Centro Cultural Banco do Brasil, entre 12 de outubro de 2018 a 7 de janeiro de 2019. Basquiat inicia sua atuação como artista de rua, escrevendo frases críticas, enigmáticas e/ou poéticas em paredes e muros da cidade de Nova Iorque como pseudônimo SAMO.



graffiti pode ser visto por todos indistintamente e as mensagens políticas, poéticas ou enigmáticas dos grafiteiros podem ser disseminadas por meio de fotografia, do cinema, estampadas em camisetas ou até mesmo inseridas em mostras de artes em galerias. A paisagem da cidade passa a ser parte da obra e não apenas suporte.

1.2- O graffiti em Campos dos Goytacazes

Enquanto um fenômeno urbano, transgressor, poético e efêmero, o graffiti na cidade de Campos dos Goytacazes só passou a ganhar maiores proporções a partir do ano de 2011 (RANGEL; LESSA, 2016, p.182). Antes desse período, o que se via eram cartazes de propagandas, mensagens religiosas e pichações em ações realizadas por indivíduos sem organização de grupos ou por agências de propaganda e marketing.

Enquanto uma expressão artística que compõe a paisagem urbana, o graffiti ganha visibilidade na área central da cidade a partir do ano de 2011 quando novos agentes se inserem na cidade. Mesmo que o movimento tenha iniciado nos primeiros dos anos 2000, principalmente nas áreas periférica, sobretudo com grafiteiros que atuavam como pichadores e passaram a se expressar com o graffiti para deixarem de ser perseguidos pela polícia, a partir de 2011 a cena da arte urbana é alterada com a vinda de estudantes universitários e de novos cursos técnicos abertos a partir do contexto do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni)³.

Dessa forma, o primeiro grupo de grafiteiros organizado na cidade de Campos dos Goytacazes, com uma proposta de difundir as mensagens da periferia a partir da arte urbana pela cidade, foi a crew⁴ “Progressivo Artcrew”. Criada no ano de 2004 e tendo como seu pioneiro e fundador o grafiteiro “Andinho”⁵, passou desde então a atuar intervindo no espaço urbano numa perspectiva de difundir a arte urbana pela cidade.

No mesmo ano de 2004, Andinho foi o responsável por organizar o primeiro encontro de grafiteiros em Campos dos Goytacazes, o qual foi intitulado “Intervenção em Grande Muro”, com o objetivo de criação de um painel pintado coletivamente, com impacto visual agradável para que o graffiti se tornasse algo comum e aceito na cidade.

³ O REUNI é um programa que se realiza entre 2003 e 2012. Campos dos Goytacazes recebeu cinco novos cursos na área de ciências humanas com a expansão da Universidade Federal Fluminense e o Instituto Federal Fluminense abre os cursos de licenciatura em música, licenciatura em artes visuais e licenciatura em teatro.

⁴ Denominação dado pelos artistas para designar grupos de grafiteiros

⁵ Andinho é um grafiteiro residente na cidade de Campos dos Goytacazes, no entanto aprendeu a arte do *graffiti* e todas suas técnicas quando era morador na cidade do Rio de Janeiro.



Foi então, a partir da realização do encontro de grafiteiros que se formou o grupo “Progressivo Artcrew (PAC)”, a partir da união de grafiteiros, sejam eles de Campos ou de municípios vizinhos. A Progressivo ArtCrew se mantém em Campos até os dias atuais.



Fotografia 1: Graffiti realizado pelo Progressivo Artcrew no ano de 2011, na área central da cidade. Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Uma recorrente dúvida debatida e discutida em um trabalho anterior foi o porquê do graffiti na cidade de Campos dos Goytacazes só veio a ganhar maiores proporções na área central a partir do ano de 2011, mesmo tendo a criação de uma crew no ano de 2004. O que ocorreu, é que a área central da cidade só passou a ser alvo dos grafiteiros, quando a cidade vizinha de Macaé foi inserida no contexto da produção de petróleo e passou a receber os benefícios das rendas petrolíferas, a cidade passou por um crescimento demográfico, com movimentos migratórios que levou a concentrar em Macaé trabalhadores oriundos de diferentes cidades do Brasil, em especial do Rio de Janeiro.

Os jovens imigrantes de Macaé migraram para Campos dos Goytacazes por estarem ali concentrada a oferta de cursos técnicos e de nível superior. Assim, os estudantes de Macaé passaram a rivalizar com os estudantes de Campos, passando a existir uma disputa pela visibilidade de suas artes no espaço urbano de Campos (RANGEL; LESSA; 2016).

Desde então, a maioria dos grafiteiros que atua na área central de Campos dos Goytacazes, assim como nas áreas periféricas, é em maioria, de estudantes universitários que vieram de outras cidades. Além de estudantes que migraram para Campos, a arte do graffiti foi difundida a partir da oferta de oficinas de graffiti ofertadas pela Fundação Municipal da Infância e da Juventude e no SESC. Os objetivos do SESC e da Fundação se distinguem. No SESC o objetivo é a difusão de uma técnica artística, enquanto os objetivos da Fundação



da Infância e da Juventude era de “retirar os jovens das ruas com uma ocupação artística”.

Se em sua essência o graffiti foi originado como uma arte urbana subversiva e efêmera, onde grafiteiros utilizavam de tags para assinar seus trabalhos, hoje, na cidade Campos dos Goytacazes, o que vimos é um processo de transformação da arte urbana, onde o graffiti perdeu seu caráter marginal e os artistas passam se integrar em contextos até então não acessados, como as escolas de artes, as oficinas oferecidas em centros culturais ou serem chamados para atuarem em oficinas oferecidas pelas secretarias municipais de cultura, de entretenimento ou da infância e da juventude e até mesmo para decorar quartos de crianças e jovens de classes abastadas. Em Campos dos Goytacazes, quando o graffiti é produzido a partir dos festivais financiados pela municipalidade (Figura 1), as pinturas deixam de ser uma arte marginal e passam a ser uma expressão aceita pela sociedade.



FIGURA 1: Fragmento do Edital do Primeiro Festival de Graffiti em Campos dos Goytacazes, no ano de 2016.

Dessa forma, o processo de assimilação do graffiti por parte dos gestores municipais ocorreu justamente a partir do momento em que o graffiti perde seu poder de subversão e passa a atender as demandas estabelecidas pelos representantes do poder local. Os itens vedados no edital de Festival de Graffiti proposto pela Fundação Municipal da Infância e da Juventude expressam a censura em relação a temas de caráter político, desvirtuando o caráter subversivo, marginal e periférico que deu origem ao graffiti EM Nova Iorque.



Nesse mesmo evento, acompanhamos e entrevistamos os grafiteiros. Questionamos se naquela ocasião, (ano eleitoral) o poder Público Municipal estava tardiamente valorizando a arte urbana na cidade, visto que o graffiti existe na cidade desde a década de 2000, e só então no ano de 2016 foi realizado o primeiro festival com financiamento público. O grafiteiro a atuar mais tempo na cidade respondeu dessa maneira:

O poder público acha bacana quando realizamos um painel bonito, onde aquela área passa a ser valorizada em virtude da arte, no entanto eles não querem saber se para a realização daquele painel foram gastos quinhentos ou seiscentos reais. A população aceita bem o graffiti, e o poder público por sua vez também aceita, só que ele não apoia o movimento, não ajuda no incentivo dessa arte. (Entrevista concedida pelo grafiteiro a atuar mais tempo em Campos)

Nesse contexto, o processo de cooptação do graffiti, durante os festivais financiados por gestores municipais, o grafiteiro passa a atuar de forma controlada e sua criação prioriza a estética, deixando de atuar a partir de uma perspectiva política. Dessa forma, o graffiti que originalmente surgiu nas ruas, guetos e bairros, passam a ser controlados e ganha status produto para o mercado.

2– A produção da arte urbana na cidade de campos dos Goytacazes e suas vertentes

Quando não atuam em festivais, o processo de produção da arte urbana na cidade de Campos dos Goytacazes apresenta outras características. Durante os últimos três anos é notório o crescimento da quantidade de pinturas, a ampliação dos desenhos e a espacialização por áreas da cidade, principalmente em sua área central por ser um ponto estratégico e que possui maior visibilidade. No entanto, a produção da arte urbana não está limitada apenas a área central ou bairros próximos ao centro, verifica-se o crescimento e expansão da arte urbana do graffiti para áreas periféricas e favelas.

Além do graffiti, verifica-se também a ampliação do conhecimento de outras técnicas artísticas com o uso de tinta, possibilitada pela inserção de novos artistas com formação em centros universitários e em cursos e oficinas de artes oferecidos na cidade. Ao mesmo tempo que ampliam-se as possibilidades



artísticas, ampliam-se as áreas geográficas de atuação dos novos artistas, o que ocasionou uma dissipação dessas expressões para bairros mais distantes e com menor circulação⁶.

A cidade de campos dos Goytacazes de um modo geral vive um processo de metamorfose da sua arte urbana. Essa transformação abarca principalmente a estrutura e o modo de se fazer a arte urbana na cidade, onde passado e presente se combinam em interações formando novos signos e formas que se convertem em temas a serem trabalhados pelos novos artistas. Em outras palavras, os novos artistas, principalmente os que proveem de oficinas, possuem sua formação artísticas pautadas nos conhecimentos adquiridos com os artistas veteranos, no entanto, diferentemente dos veteranos, os novos artistas não retratam diretamente por meio de sua arte uma afeição com o lugar, eles optam por adotar um determinado tema e a partir dele realizam suas obras.

Ainda em relação a essa nova vertente da arte urbana em Campos, há ainda aqueles sujeitos que desenvolvem suas técnicas a partir de formação acadêmica em cursos de designer gráfico ou de artes visuais, visto que essa nova geração de artistas é composta por universitários, sendo alguns deles provenientes de outras cidades e até mesmo de outros estados.

Importa ressaltar que todas essas expressões artísticas possuem formas e estilos distintos, com os quais estão relacionados aos seus criadores com técnicas adquiridas na rua ou nas oficinas de artes que se fundem. Assim, as principais expressões de arte urbana presentes na cidade de Campos dos Goytacazes são: o graffiti, a pichação (ou pichação) e o estêncil. Destacamos algumas expressões e os artistas que as produziram, pois são esses os sujeitos que tem transformado a paisagem urbana e tem delimitado lugares de encontros dos grupos que se apropriam da cidade, mesmo que simbolicamente, por meio de suas marcas na paisagem.

2.1 – Graffiti

Destacamos as distintas formas de realizar uma pintura em graffiti, segundo técnicas descritas pelos grafiteiros de Campos: Graffiti 3D, Wildstyle, Bomber, Letras Grafitadas, Graffiti artístico ou livre figuração, Graffiti Plástico, Graffiti Domeio descritas e apresentadas a seguir.

Graffiti 3D – São desenhos tridimensionais, criados a partir de ideias visuais que apresentam certa profundidade e são característicos por não possuírem contorno. Este modelo de graffiti requer do grafiteiro uma técnica bem desenvolvida de cores e formas. Nesta obra, Kane KS imprime a palavra

⁶ Devido ao crescimento de adeptos aos grupos juvenis que atuam por meio das expressões urbanas, bairros mais distantes como Penha e Goytacazes passaram a fazer parte das dinâmicas desses grupos.



JESUS sob um Leão. Simbologias advindas de religiões neo-pentecostais que se embrenham em áreas periféricas e passam a ser referências para grafiteiros inseridos nesses contextos urbanos.



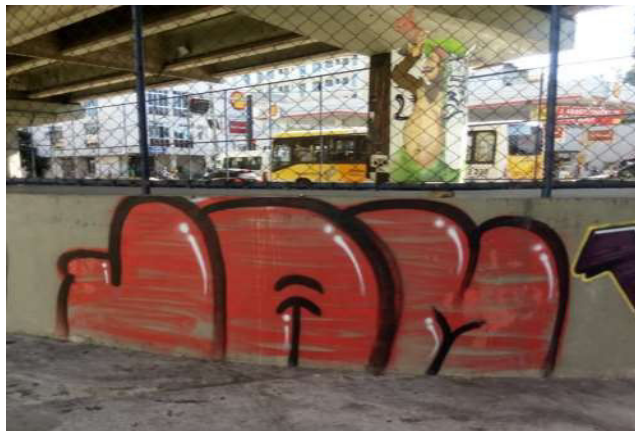
Fotografia 2: Graffiti 3D feito no viaduto pelo grafiteiro Kane KS. Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Wildstyle – Modelo de graffiti cuja sua principal característica são letras distorcidas, que tem o formato em setas e que cobre o desenho quase por completo. Suas letras são de difícil identificação, são utilizadas como códigos, são compreendidas pelas pessoas que conhecem o mundo do graffiti. Neste estilo há pouca possibilidade de criações com expressões políticas por se tratar de uma representação do nome do artista, uma forma de reafirmar-se no grupo de um lugar. Da mesma forma ocorre com o estilo descrito a seguir, o estilo bomber.



Fotografia 3 Graffiti Wildstyle realizado na Avenida 28 de Março pelo grafiteiro Gouk. Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

O Bomber, também conhecido também como vômito ou throw-up. Estilo caracterizado por apresentar letras cujas aparências são de expressões gordas e que parecem estar vivas. Essa técnica, geralmente utiliza-se de duas ou três cores, sendo ela a forma mais praticada por grafiteiros e pichadores iniciantes, por não requerer muita habilidade técnica e nem conseguem se posicionar politicamente.



Fotografia 4: Graffiti Bomber feito pelo grafiteiro Dog Jam na quadra debaixo do viaduto central. Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

As Letras Grafitadas pode ser considerado mais um estilo que não tem a preocupação em disseminar ideias, mas apenas disseminar o nome e a técnica do artista. É o tipo de graffiti que utiliza técnicas tanto da grafiteagem quanto da pichação, no entanto são formas mais sofisticadas do que o “bomber”. As letras grafitadas são caracterizadas por sempre representarem a assinatura do grupo após esses realizarem uma pintura em mural de forma coletiva.



Fotografia 5: Graffiti estilo Letras Grafitadas. Praça da República, Centro, Campos dos Goytacazes (RJ). Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

O Graffiti artístico ou livre figuração, um estilo mais elaborado em técnica, estilo e expressão de ideias. Os artistas apresentam elementos que fazem parte do mundo do grafiteiro, ou seja, esta modalidade é caracterizada por proporcionar a liberdade artística do seu autor, bem como a incorporação de caricaturas, personagens de histórias em quadrinhos, figurações abstratas e realistas e discutem temas políticos discutidos em um dado contexto sócio-geográfico-histórico-cultural. Na representação a seguir (Fotografia 6), obra criada por uma crew de grafiteiras denominada Teta-a-toa, as artistas discutem questões de gênero, o papel da mulher na sociedade e as formas de trabalho em que as mulheres atuam e atuam na cidade de Campos dos Goytacazes (Fotografia 7).



Fotografia 6: Graffiti Artístico ou Livre Figuração realizado na mureta da Beira Rio pela grafiteira Panda no I Festival de Graffiti. Fonte: Arquivo pessoal dos autores.



XVIII ENANPUR
NATAL 2019
27 a 31 maio



Fotografia 7: Graffiti Artístico ou Livre Figuração realizado na mureta da Beira Rio pela grafiteira Panda no I Festival de Graffiti. Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

O Graffiti Plástico, estilo de graffiti que mistura elementos da arte urbana juntamente com elementos e técnicas das artes plásticas apresenta um resultado tal qual aqueles pintados quadros e são aceitos como arte de galeria. O artista Michael Elioberto é formado em artes visuais posterior à sua formação de grafiteiro. Por meio desse estilo é técnica, o artista imprime ideias que causam ruídos na comunicação dos transeuntes com as obras nas ruas. Os pedestres costumam parar para admirar a obra por ser bonita e colorida ou se identificar com o desenho. Neste caso, o artista cria uma representação de um indígena hábil com o arco-e-flecha, buscando imprimir uma imagem positiva dos índios goitacá, etnia que dá nome ao município.



Fotografia 8: Graffiti plástico realizado na mureta da Beira Rio pelo grafiteiro Elioberto no I Festival de Graffiti. Fonte: Arquivo pessoal dos autores.



Por fim, o estilo de Graffiti Domeio, um estilo único criado pelo grafiteiro Murilo Domeio, onde utiliza de traço mais firmes e marcados, assemelhando-se a características tribais para a composição de sua arte. As máscaras criadas por Domeio encontram-se inscritas em lugares dispersos na cidade, em muros pintados com cores fortes (Fotografia 9) que passam a ser incorporadas ao traço do artista. É como se o proprietário do imóvel tivesse preparado o muro para receber tais obras que costumam permanecer por muito tempo na cidade.



Fotografia 9 Graffiti Domeio realizado na Avenida 28 de Março. Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

2.2 – Pichação

Assim como o graffiti, a pichação (ou pixação) também apresenta distinções em suas técnicas e estilos. Os pichadores de Campos as distinguem como: pichação paralela, Pichação Estilo Reprodução, Pichação Politizada. A Pichação Paralela (Fotografia 10) é o estilo de pichação utilizado pelo poder paralelo, principalmente para demarcar territórios e pontos de comercialização de drogas. Essa técnica busca representar a imposição do poder do grupo local em relação a outros grupos.



Fotografia 10: Pichação ligada às facções do tráfico. Rua Dr. Pereira Nunes.
Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Enquanto a Pichação Estilo Reprodução prioriza a repetição da marca do pichador por meio da sua assinatura, as denominadas tags. Esse estilo é utilizado principalmente por pichadores iniciantes, onde busca por meio da reprodução exaustiva de sua tag o reconhecimento na sociedade e entre os demais pichadores. O suporte para a realização das pinturas é cuidadosamente selecionado. A fotografia 11 demonstra a preferência de pichadores pelos muros revestidos com pedras, o que torna a pintura “eterna” pelo grau de dificuldade de limpeza dos muros e assim a assinatura se torna “eterna” ou até que o muro seja demolido.



Fotografia 11: Pichação Estilo reprodução realizada com tags de pichadores na Avenida Alberto Torres, centro da Cidade. Fonte: Arquivo dos autores

A Pichação Politizada, no qual o pichador busca dar voz e expressar as ideias pelas quais se identifica e estão associadas a voz de um grupo, de forma direta e incisiva a respeito de questões políticas, ideológicas e de problemas sociais. Geralmente esse tipo de pichação se relaciona com o momento político ou social o qual é vivenciado no ato da ação e quase



sempre são criadas ao mesmo tempo em que acontecem marchas, passeatas ou atos que devem criar comunicação com pessoas que não tenham participado dos atos, mas que as fazem pensar sobre o tema.



Fotografia 12: Pichação Politizada na Av. Pelinca. Arquivo pessoal dos autores.

2.3 – Estêncil

Como uma das três técnicas de pintura em parede com o uso de tinta, o estêncil se expressa segundo o Estêncil Artístico e Livre Figuração, Estêncil Subversivo. Entretanto, em ambos os casos, há conceitos a serem discutidos. Em ambos os casos, os artistas estão inseridos em movimentos políticos e culturais e a partir do estêncil desejam disseminar uma ideia, um conceito-chave.

O Estêncil Artístico e Livre Figuração permite ao artista trabalhar com elementos artísticos próprios ou se remeter a temas já estabelecidos por outros artistas em outros tempos ou lugares, mas ainda necessitam ser discutidos nessa cidade. Esse estilo costuma ser mais bem visto pela sociedade, pois prioriza traços mais detalhados e passa a ser caracterizado como “ belo” pela população. E o artista passa a ser convidado para criar em espaços públicos e privados e ser remunerado por seu trabalho.





Fotografia 13: Estêncil realizado pelo grafiteiro Pablo no viaduto do centro da cidade. Fonte: Arquivo dos autores, 2017

O Estêncil Subversivo é utilizado em manifestações sociais e intervenções urbanas que buscam de forma direta alcançar os transeuntes, grupos sociais, agentes políticos com poder de decisão. Esse estilo se assemelha ao da pichação politizada, no entanto, prioriza-se trabalhar com imagens ou com frases metafóricas. E ao utilizar o estêncil, os artistas se resguardam das ações policiais que já assimilaram que “pixo é vandalismo e graffiti é arte”. E quando o ato da pintura dá com uma única cor e é realizado a mão livre, os agentes policiais entendem que se trata de pichação e quando há cores, quando se utilizam de máscaras para que a pintura seja feita dentro de um padrão estético, o agente a considera bonita e assim não criminaliza a ação, mesmo que as frases sejam de cunho político contundente.



Fotografia 14: Estêncil Subversivo. Autor desconhecido – Arquivo pessoal dos autores.

Apesar da evidência dada a essas três categorias de arte urbana, destacamos que as expressões artísticas realizadas nas ruas não se esgotam em tais categorias, pois existem outros estilos que são criados a partir de uma ou duas categorias das quais foram citadas. Dessa forma, tanto o graffiti, a pichação e o estêncil, compõem formas, técnicas e estilos que podem variar de acordo com o artista, o grupo no qual pertence. Além das artes em tintas, há outras expressões com uso de colagens de papel, como os stickers, os lambes e/ou os cartazes que não são feitas diretamente com a aplicação de papéis em muros, postes, bancos, pilastras. Geralmente são desenhos elaborados graficamente e depois impressos em papéis e por fim colados em paredes com uso de cola artesanal.

Ainda em relação as caracterizações, cabe aqui destacar que não é o intuito desta pesquisa criar uma catalogação das expressões urbanas na cidade de Campos dos Goytacazes, visto que as expressões urbanas se [re]criam a cada ação dos sujeitos e isso não caberia dentro do prazo estimado para a construção deste trabalho. A principal intenção é apresentar as expressões realizadas na cidade de Campos dos Goytacazes, relacionar aos artistas e identificar como essas ações criam na cidade formas de uso e ocupação simbólica



do espaço urbano por meio das intervenções nas paisagens. Ao mesmo tempo possibilitam ao leitor uma melhor compreensão das próprias expressões e dos variados estilos com os quais os transeuntes se deparam diariamente.

Considerações Finais

Conforme evidenciado anteriormente, o presente trabalho partiu de estudos e análises de arte urbana, buscou conhecer a história do graffiti e os contextos históricos e geográficos das primeiras pinturas que receberam esta denominação. Buscamos também conhecer as técnicas de produção artística a fim de identificar quais delas são utilizadas por artistas de Campos e por fim, buscamos conhecer a produção local, identificando seus autores, as técnicas adotadas por cada artista e os lugares de atuação.

Por mais que o graffiti tenha passado por intervenções por parte do poder público local durante a realização dos festivais, os grafiteiros tentaram escapar das regras impostas e criaram desenhos com mensagens subliminares a partir de um equilíbrio entre o caráter subversivo, garantindo a liberdade de expressão e as demandas impostas pelos gestores municipais. Identificamos que os grafiteiros tentam atuar no limite de sua “liberdade”, sem deixar de atender aos requisitos propostos pelos governantes e assim garantir a presença do graffiti na paisagem urbana e o reconhecimento do graffiti como uma expressão artística.

Além dos festivais, foram realizadas ações coletivas denominadas como mutirões e ações individuais, os rolês. Nos mutirões procuram realizar seus trabalhos em grupo de grafiteiros, em áreas periféricas ou em favelas localizadas no centro da cidade, seguindo a duas regras: o estilo é livre., o tema é lugar, onde cada artista expressa a sua relação com o lugar como morador ou não daquele bairro.

Destacamos, ainda, o papel das universidades instaladas em Campos dos Goytacazes (Universidade Federal Fluminense; Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro e Instituto Federal Fluminense). Os espaços universitários se tornaram lugar de encontro da juventude, pois nas universidades eles integram os cursos de graduação ou de extensão, integram sujeitos dos mais distintos lugares, classes sociais e formação cultural. A partir das universidades adquirem formação e podem, ainda, se tornarem agentes culturais, promovendo atividades como os saraus; compõem coletivos artísticos e culturais e participam de espaços de decisão das políticas culturais universitárias.

Referências

ARCE, José Manuel Valenzuela. Vida de barro duro: cultura popular juvenil e grafite. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999;

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem –matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobarto; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). Geografia Cultural: uma antologia (1). Rio de Janeiro: Eduerj, 2012. p. 239-243;

CARLSSON, Benk; LOUIE, Hop. Street art: técnicas e materiais para arte urbana. Perles Beads. 1 ed. São Paulo: 2015;



CLAVAL, Paul. O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Org.). Matrizes da Geografia Cultural. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001. p. 35-85;

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Geografia cultural: apresentando uma antologia. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Org.). Temas e Caminhos da Geografia Cultural. Rio de Janeiro: Eduerj, 2012. p. 07-14;

_____. O método fenomenológico: humanismo e a construção de uma nova geografia. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Org.). Temas e Caminhos da Geografia Cultural. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010. p. 37-71;

_____. O urbano e a cultura: alguns estudos. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Org.). Geografia Cultural: uma antologia (2). Rio de Janeiro: Eduerj, 2013. p. 57-69;

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). Geografia Cultural: uma antologia (1). Rio de Janeiro: Eduerj, 2012. p. 221-237;

GANZ, Nicholas; MANCO, Tristan (org.). O mundo do grafite: arte urbana dos cinco continentes. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2010;

GITAHY, Celso. O que é graffiti. São Paulo: Brasiliense, 1999;

GONÇALVES, Paulo Roberto. A descoberta dos espaços urbanos: a expressão do graffiti em Campos dos Goytacazes. Campos dos Goytacazes: Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Ciências Sociais) Universidade Estadual do Norte Fluminense, 2011;

HERSCHMANN, Micael. O funk e o hip-hop invadem a cena. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

HOLZER, Werther. O conceito de lugar na geografia cultural-humanista: uma contribuição para a Geografia contemporânea. GEOgraphia, América do Norte: UFF, v. 5, n. 10, p. 113123, dez. 2003;

LOPES, Joana Gonçalves Vieira. Grafite e pichação: os dois lados que atuam no meio urbano. 2011. 37 f. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011;

OLIVEIRA, Denílson Araújo de; TARTAGLIA, Leandro. Ensaio sobre uma geo-grafia dos graffitis. GEOgraphia, América do Norte: UFF, v. 11, n. 22, p. 59-88, 2009;

RANGEL, Arthur Nogueira; LESSA, Ranna Albino. O graffiti na área central de Campos dos Goytacazes: tatuagens na epiderme urbana. Élisée, Rev. Geo. UEG, Anápolis, v.5, n.1, p.170-192, jan. /jun. 2016;

Ralph, Edward. Place and Placelessness. London: Pion, 1976



ROCHA, Samir Alexandre. Geografia Humanista: história, conceitos e o seu da paisagem percebida como perspectiva de estudo. Ra' e Ga - O Espaço Geográfico em Análise, Curitiba: UFPR, v. 13, n. 13, p. 19-27, set. 2007;

SILVA, Armando. Imaginários urbanos. São Paulo: Perspectiva, 2011;

STAHL, Johannes. Street Art. Alemanha: Tandem Veriag GmbH, 2009.

TARTAGLIA, Leandro R. S. Geograf(it)ando: a territorialidade dos grafiteiros na cidade do Rio de Janeiro. Niterói: Dissertação (mestrado em geografia) Universidade Federal Fluminense, 2010;

TARTAGLIA, Leandro R. S. Geograffitis: uma leitura geográfica dos graffitis cariocas. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.